
A Relevância dos Eventos Científicos Presenciais: Um Estudo Sobre o Congresso Nacional da Intercom¹

Elaine Cristina Gomes de MORAES²

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Este trabalho integra uma das pesquisas desenvolvidas em uma tese, na área de Comunicação, apresentada em 2018. Em tempos de uso, cada vez mais frequente dos meios de comunicação digitais, buscou-se verificar a importância do contexto presencial nos eventos científicos, nos quais se vivencia o intercâmbio entre pesquisadores. Para isso, o estudo foi realizado durante um dos congressos nacionais da Intercom, por meio da técnica de observação participante. A partir dos resultados, pôde-se inferir que há uma relação de interdependência, na qual as tecnologias digitais são fundamentais à realização do congresso, mas constituem, no momento, uma subsidiária do contexto presencial.

PALAVRAS-CHAVE: eventos científicos; comunicação científica; vivência; Intercom; observação participante.

Este estudo apresenta os resultados de uma das pesquisas realizadas em uma tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp/Bauru, em 2018. O trabalho original tem como tema a mediatização nos eventos científicos e, neste trabalho, o foco está circunscrito ao contexto presencial e sua relevância nos eventos científicos. Como corpus de análise, foi realizada uma observação participante durante o XXXIX Congresso Nacional da Intercom.

As inquietações sobre o tema remetem ao papel dos eventos, até recentemente, essencialmente presenciais, que vêm se modificando, a partir de um contexto de mediatização. Os eventos científicos reúnem pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, a fim de divulgar trabalhos, realizar debates e apresentar novos consensos. Os recursos tecnológicos possibilitam realizar a modalidade virtual (GIÁCOMO, 2007), mas entende-se que o contexto presencial apresenta resultados que vão além das discussões, como o caráter afetivo que se pode construir nesses espaços.

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela FAAC-UNESP e Professora das Faculdades Integradas de Bauru, e-mail: moraes.e@gmail.com.

Campello (2000) explica que os eventos constituem uma das formas de comunicação científica, denominada ‘informal’. Ela ocorre por meio dos encontros presenciais nos eventos, ao reunir em um mesmo local, os participantes, geralmente membros de comunidades científicas, para a divulgação de pesquisas e o intercâmbio de informações.

A autora ressalta a importância desses encontros presenciais ao se tornarem oportunidade não apenas do compartilhamento de informações, mas do debate presencial, do esclarecimento de dúvidas e proposição de sugestões. Além disso, é importante, nesses eventos, os encontros informais, durante os intervalos da programação. Por outro lado, estamos imersos em um contexto mediatizado, cada vez mais, pelo uso das tecnologias digitais, que modificam muitas das ações sociais no cotidiano.

Braga (2012) explica que há uma onipresença dos meios de comunicação na sociedade, de modo que não se pode mais dissociá-los da realidade social. O autor não se restringe aos meios digitais, mas não há como negar que, cada vez mais surgem novos modos de interação e consumo, e o mundo virtual parece se misturar às ações do cotidiano, de modo que tudo parece estar interposto por esses meios.

Nesse sentido, resgata-se a relevância do contexto presencial, sem sobrepor ao uso dos meios, obviamente. A realização desta pesquisa responde à seguinte questão: “Em uma realidade permeada, cada vez mais, pelas interações mediadas pelos meios digitais, qual é a relevância do congresso presencial?” Para isso, a observação participante buscou obter dados no evento realizado presencialmente, sem propor uma dicotomia entre virtual e presencial.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, contextualiza-se a comunicação científica e as abordagens dos autores pesquisados. Na sequência, discute-se a relevância das experiências e vivências dos participantes nos eventos científicos, bem como a influência do clima planejado, para os melhores resultados. As próximas abordagens referem-se à observação participante e os critérios utilizados, para trazer as discussões que contribuem para responder a questão de pesquisa proposta. O encerramento desta etapa encontra-se nas considerações finais do trabalho.

A comunicação científica nos eventos

Há uma gama de possibilidades de comunicação científica e debates entre pares, e os eventos científicos constituem uma oportunidade para esses propósitos. Como ação

que “trata de assuntos nos mais variados campos das ciências” (MEIRELLES, 2003, p. 65), são momentos de apresentação de trabalhos, socialização e discussão de crítica do conhecimento estabelecido e propostas de novos consensos científicos.

A comunicação científica constitui uma das etapas da pesquisa científica. Os resultados são publicados para que sejam de conhecimento público e, conseqüentemente, contribuam para o aperfeiçoamento e a produção de novos estudos. Sua relevância está, sobretudo, na promoção do “debate entre especialistas como parte do processo natural de produção e legitimação do conhecimento científico” (BUENO, 2010, p. 5).

Os eventos constituem uma importante forma de comunicação científica. São encontros voltados para a atualização da área, divulgação e discussão de trabalhos, bem como adquirem relevância como espaço de sociabilidade, como explica Campello (2000). A autora categoriza a comunicação científica em formal e informal. A formal está disponível na literatura e se encontra em livros e periódicos científicos. A comunicação informal pode estar nas interações face a face, listas de discussões, os eventos científicos, dentre outros.

Os aspectos sociais do evento também são importantes, com base na característica social dos indivíduos (MEIRELLES, 2003). Nesse sentido, a programação social desses eventos também é relevante, como a realização de jantar, coquetel, estendidos aos participantes. Os momentos de pausa na programação oficial para os intervalos durante o evento são oportunidades para a troca de ideias, de cartões profissionais, comentários sobre pesquisas, que não seriam pertinentes durante as atividades formais.

Nesse sentido, os eventos científicos, realizados nas diversas áreas do conhecimento, apresentam algumas funções, conforme explica Campello (2000). Uma delas é o aperfeiçoamento dos trabalhos, já que, após as apresentações das comunicações científicas, as sugestões resultantes das discussões podem ser acatadas e feitos ajustes, os quais contribuem para melhorar a qualidade dos trabalhos. Os eventos também refletem o estado da arte da área, pois congregam pesquisadores da área, tendências e perspectivas, ao reunir um grande volume de informações inéditas que aparecerão, geralmente, depois, em periódicos acadêmicos.

Outra função desempenhada é a própria comunicação informal, como explica Campello (2000). As interações promovidas durante a programação são importantes para o compartilhamento de ideias e para a qualidade dos trabalhos, no entanto, nesses momentos de informalidade podem ser discutidos aspectos peculiares dos trabalhos entre

pares e, ainda, podem ser estabelecidos contatos científicos, que se mantêm posteriormente ao evento.

Além disso, trata-se de uma oportunidade de os participantes dialogarem com aqueles que frequentemente são suas referências nas pesquisas. É possível que alguns participantes estejam nos eventos com esse propósito, pois, como explica a autora, “as chamadas conversas de corredor constituem para muitos pesquisadores a parte mais importante do encontro” (CAMPELLO, 2000, p. 63).

Meadows (1999) ressalta o papel da comunicação oral ao entender que ela é necessária como forma de complementar as informações científicas disponíveis em meio impresso. O pesquisador pode, durante sua apresentação, enfatizar os itens de importância ou dificuldade especial, de modo a chamar a atenção dos interlocutores para esses aspectos, os quais poderiam passar despercebidos em um texto impresso. A maior contribuição, em sua visão, é a possibilidade de retroalimentação, que pode ocorrer por meio de perguntas e as conversas com o orador após a apresentação.

Por outro lado, Targino e Neyra (2006) apresentam possíveis entraves aos propósitos dos eventos científicos. Os autores entendem que, com uma programação extensa, com atividades paralelas e simultâneas, ocorre o “entra-e-sai” dos participantes, das salas onde ocorrem as atividades. Isso pode prejudicar o desenvolvimento das atividades, como a concentração dos apresentadores.

Não se pode negar que a falta de interesse de alguns participantes nas discussões constitui uma perda de oportunidade para o desenvolvimento dos temas, mas, esse fator não sobrepõe, necessariamente, aos benefícios obtidos com a participação do público presente. Obviamente há diferentes perfis de participantes, com diferentes objetivos, mas vale ressaltar que o evento científico é um espaço para que os membros dos grupos, com compromissos científicos, possam interagir.

Experiências e vivências nos eventos presenciais

Um dos elementos fundamentais ao se planejar um evento, independentemente de sua modalidade, é o público. De alvo a ser atingido, adquire protagonismo ao decidir ou não participar, bem como expressar suas opiniões. Um evento lotado de público não é necessariamente um evento de sucesso (GIÁCOMO, 2007), pois é necessário haver afinidade com o tema e uma estrutura planejada para sua satisfação. Por isso, ganha

relevância o papel das experiências nos eventos, que poderão ser compartilhadas, e as vivências, que poderão ser lembradas.

Até recentemente, os eventos eram ações exclusivamente presenciais. O contexto presencial constitui uma de suas características, se tomarmos como base, a definição conceitual de autores como Meirelles (2003), Giácomo (2007), dentre outros, ao destacar que são ações que reúnem público em determinado tempo e espaço. Além disso, os eventos ressaltam emoções e essa vivência acontece ao vivo, pode ser lembrada, mas não compartilhada com quem não vivenciou.

Experiência e vivência não são conceitos que se contrapõem, mas se complementam e constituem o processo experiencial, conforme explica Mateus (2014). À luz de Walter Benjamin, o autor explica que a experiência relaciona à sua capacidade comunicacional, distinguindo-se da vivência, que não pode ser compartilhada, denominada por Benjamin, como a experiência vivida, ou a experiência da modernidade.

Boff (2002, p. 32) apresenta suas contribuições ao explicar que “a experiência resulta do encontro com o mundo, num vai e vem incessante, encontro que nos permite construir e, também destruir representações que havíamos recebido da sociedade ou da educação”. Já a vivência “é a situação psicológica, as disposições dos sentimentos que a experiência produz na subjetividade humana. [...] É resultado da experiência na psiquê humana” (p. 34).

Nesse mesmo sentido, Cardoso (2007) reitera a individualidade e seu caráter subjetivo, que resulta da interação entre a consciência e a realidade. Para a autora, a vivência precede a experiência, mas é um elemento que a constitui. Antecede, ainda, qualquer construção racional, ocorrendo em nível do imediato, referindo-se, puramente, às sensações. Já a experiência resulta da “incorporação dos conhecimentos adquiridos a partir da elaboração da vivência” (p. 50).

Experiência e vivência podem ser influenciadas por um fator essencial para o sucesso de um evento: o clima. Trata-se de um fator subjetivo, observado pelo aspecto emocional das pessoas que se busca criar no ambiente de forma a envolver os participantes. Miyamoto (1987, p. 39) já se referia ao clima como “o ‘espírito’ do evento, a ‘alma’, ou seja, aquele aspecto totalmente imaterial, imponderável, mas que se torna presente em todos os participantes [...]”.

Giácomo (2007) explica que o clima é o resultado das diversas atividades realizadas, que têm início na etapa de planejamento e depende da forma com que a

liderança gere as atividades a serem realizadas. Assim, “diz respeito ao ânimo de todas as pessoas envolvidas nesse processo” (p. 47). Deve ser percebido de acordo com os propósitos do organizador, como formal ou descontraído, mas para que isso ocorra, é essencial que todas as etapas do planejamento sejam acompanhadas e controladas a fim de se evitar improvisos.

O clima, como fator ponderável, dependerá da gestão do evento. Não se trata, como exemplifica a autora, de entregar mensagens de “boas vindas” aos participantes se, por outro lado, os recepcionistas demonstram insatisfação no trabalho. O clima não se constrói durante o evento, com procedimentos visíveis ao participante, os quais, muitas vezes, podem estar omitindo situações de adversidade no evento. O processo se inicia no planejamento e compete aos gestores a construção de uma experiência vivida favorável a todos os envolvidos no planejamento e realização do evento, que irá refletir na percepção dos participantes.

O conceito que relacionamos aos eventos refere-se, predominantemente, às vivências do participante nos eventos científicos, somadas à experiência construída. No contexto presencial, o clima é percebido desde sua chegada e pode se manter ou modificar no decorrer das atividades, como a forma que sente ao chegar, ao encontrar colegas e pesquisadores, bem como a apresentação de trabalho em um grupo de pesquisa.

As experiências podem ter início no espaço virtual, nas redes sociais dos eventos, nas quais os participantes decidem inserir-se como membro e o modo como pretendem interagir. Nas redes, os membros do grupo de um evento científico podem compartilhar suas experiências relacionadas às etapas que antecedem sua realização, durante e após seu término. As vivências constituem prerrogativas do contexto presencial.

A observação participante

Para responder a questão de pesquisa proposta, torna-se relevante a observação no âmbito presencial, no qual acontecem as interações dialogais e as vivências dos participantes. A escolha pelo uso da técnica de observação encontra respaldo na visão de Gil (2009, p. 71), ao explicar que ela “representa uma das mais importantes estratégias para obtenção de dados na investigação científica”. Ela permite que o pesquisador tenha contato direto com o fenômeno em investigação, sem intermediações. De acordo com os objetivos e tipo de pesquisa realizada, a observação pode ser a única técnica de coleta de dados ou integrar-se a outras.

Por se tratar de uma pesquisa individual e devido ao porte do evento, foi necessário delimitar a observação participante, que foi realizada em dois contextos distintos. Inicialmente, foram observados os aspectos relacionados à estrutura física do congresso, importantes para o início da construção do clima do evento e das interações presenciais. Para isso, foi observada a estrutura geral do evento, os espaços para circulação e cerimônia de abertura do evento. O outro contexto refere-se às apresentações e discussões dos trabalhos no Grupo de Pesquisa (GP) América Latina, Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais, para verificar a dinâmica das interações presenciais no grupo.

Para descrever a observação, o quadro 1 apresenta os dois critérios estabelecidos, os elementos observados e a síntese dos resultados, que serão discutidos na sequência.

Quadro 1 – Descrição da observação participante

1 ESTRUTURA	✓ Sinalização	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Placas em pontos de ônibus ✓ Faixa na entrada de um dos prédios ✓ Painel no prédio do credenciamento ✓ Placas indicativas para as salas, programação dos GPs e outras atividades ✓ Cartaz com senha para acesso à internet, <i>food trucks</i> e credenciamento.
	✓ Recepcionistas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Alunos atuaram de forma voluntária ✓ Credenciamento ✓ Informações ✓ Suporte palestrantes e atividades
	✓ Material do participante	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Bolsa com função de crachá ✓ Livreto com a programação ✓ Caneta
	✓ Espaços	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Decoração ✓ Feira para venda de livros
	✓ Abertura	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Cerimonial ✓ Quebra de protocolo ✓ Apresentação de pianista e orquestra ✓ Conferência de abertura
GP	✓ Estrutura	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sala adaptada: cadeiras de plástico, sem apoio para o braço, sem cortinas na janela, sem ar condicionado; ✓ Apoio dos alunos de iniciação científica.
	✓ Dinâmica do grupo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tempo excedido; ✓ Participação; ✓ Pouca rotatividade.

Considerações sobre a observação

Embora o evento científico tenha o propósito de discutir temas ligados à ciência, é relevante que um congresso, que apresenta estrutura complexa, insira em seu

planejamento elementos que vão além de sua função precípua. Os participantes do congresso, oriundos de todas as regiões do país e até mesmo de alguns outros países, permanecem na cidade sede do evento durante parte ou toda sua realização. Por isso, a importância de uma visão macroscópica para contribuir com uma vivência positiva desses participantes.

Em síntese, o evento aglutina público com interesses afins em determinado espaço e tempo, independentemente de seu propósito. Isso é o que a Intercom realiza, por meio de seu congresso nacional, no entanto, ao congregar um número tão grande de público em um congresso científico, a instituição proporciona, além das discussões científicas, o conagraamento entre os participantes no encontro presencial.

Na primeira categoria de análise, observou-se que o planejamento contemplou suas etapas fundamentais. Os resultados podem ser identificados por meio de ações, aparentemente sutis, mas essenciais, cuja ausência, geralmente é percebida e pode interferir na satisfação dos participantes.

Um ponto elementar foi a sinalização, pensada e afixada em pontos estratégicos, como ponto de ônibus e locais de circulação do público. Na frente do bloco em que estava sendo realizado o credenciamento dos participantes, havia um painel da Intercom, com as informações do congresso, bem como as cores de sua identidade visual. Esse espaço tornou-se um espaço para encontros e fotografias. Durante todo o evento, diversas pessoas fotografavam em frente a esse painel, como registro de sua participação no evento.

O local foi modificado e preparado para a realização do congresso. Diariamente a instituição sede recebe estudantes de graduação para as atividades rotineiras, no entanto, em um evento, o cenário extraordinário construído busca surpreender e acolher o público. Foi preparada a estrutura, a decoração, a abertura oficial e festiva, a fala dos membros da Intercom, os grupos de pesquisa, as atividades simultâneas.

O credenciamento não é somente uma estrutura destinada à retirada de materiais pelos participantes, mas pode se tornar um fator para a construção do clima do evento. No congresso nacional da Intercom, os recepcionistas eram alunos dos cursos de graduação, que trabalharam de forma voluntária. Os recepcionistas, vestindo a camiseta do evento, facilitava sua identificação pelos participantes, além do credenciamento, atuaram em diferentes funções, como suporte aos palestrantes, grupos de pesquisa, oficinas, secretaria, reposição de material, controle de equipamentos e outros. No

credenciamento, observamos que os recepcionistas atendiam aos participantes e prestavam informações.

Durante o credenciamento, os participantes receberam um acessório que tinha a função de um crachá. Esse material, em tecido, com cordão, continha um espaço interno, em que poderia ser guardado o celular, continha uma etiqueta de identificação, a programação impressa em formato de livreto e uma caneta. Por um lado, observamos sua praticidade por apresentar diferentes funcionalidades, em um tamanho compacto, mas a entrega de uma caneta, sem um bloco de anotação, pode perder o sentido.

Um dos aspectos observados durante o cerimonial de abertura, foi uma quebra de protocolo durante a fala da ex-presidente da Intercom, Professora Marialva Barbosa, por meio de uma manifestação política, sobre o cenário vivenciado no país, na época. A quebra de protocolo não é necessariamente negativa, é um ato não previsto no roteiro do cerimonial, que pode ter consequências. Neste caso, porém, foi uma manifestação pacífica do público, com palavras de ordem e aplausos, para reverenciar a visão da Professora.

A segunda categoria observada foi o Grupo de Pesquisa. A sala foi um espaço adaptado, onde foram colocadas 28 cadeiras brancas, de plástico, sem prancheta lateral, o que dificulta as anotações em papel ou em *notebook*. Havia uma mesa para os equipamentos de audiovisual e outra para os coordenadores das sessões. Considerando que não havia bloco ou folhas de papel no material entregue aos participantes, ficava sob responsabilidade do participante obter um meio para fazer suas anotações.

Nesse sentido, fica evidente a importância dos aspectos estruturais também para atender às necessidades dos participantes, bem como, possibilitar seu engajamento. Na ausência de um suporte para registrar perguntas ou comentários sobre os trabalhos apresentados, é possível que algumas pessoas tenham deixado de participar dos debates.

Outro aspecto estrutural observado foi a ausência de cortina nas janelas e de ar condicionado, e, em determinados horários, a temperatura aumentava, gerando algum incômodo. Por outro lado, um fator positivo é que, durante todas as sessões, houve apoio dos alunos de iniciação científica, integrantes desse grupo e que, também apresentaram seus trabalhos. Eles prestavam informações aos participantes, gravavam os arquivos dos apresentadores no computador, auxiliavam na projeção dos slides, faziam registro de imagens do GP e o controle de frequência.

Em experiências anteriores, observou-se que há frequente rotatividade durante as sessões, com a presença de pessoas que têm interesse em um determinado tema, outras

que permanecem parcialmente e há aqueles que permanecem durante todo o tempo. Nesse grupo, observamos que houve pouca rotatividade, considerando o número de participantes durante os debates. O comprometimento de vários membros do grupo, como os alunos de iniciação científica, que auxiliaram os expositores, foi visível durante todas as sessões.

Outro aspecto sobre a observação no GP é que a maioria das sessões excedeu o tempo previsto e, apesar de alguns coordenadores terem usado placas para sinalizar o tempo, algumas apresentações ainda ultrapassaram o limite. Situação semelhante foi observada nos debates. Por um lado, a falta de controle no tempo das apresentações por parte de alguns coordenadores, pode caracterizar um problema de organização. Por outro, principalmente nos debates, ressalta a relevância atribuída às discussões, que foram permeadas por intensivos compartilhamentos e contribuições aos trabalhos apresentados.

Vale lembrar que, muitas vezes, há uma cordialidade nos grupos, de modo que os participantes não fazem críticas diretas aos trabalhos apresentados. Mas, a finalidade de apresentar uma pesquisa em público, do ponto de vista científico e acadêmico, é submetê-la ao crivo dos pares, de modo que pode haver um benefício nesse clima de questionamento sobre o método, resultados e interpretações, principalmente entre pesquisadores de correntes diferentes.

O evento científico pode ser, portanto, um momento de crítica e discordância, mas há um respeito mútuo dos participantes. O conhecimento científico considerado válido é o consenso dos pesquisadores em um dado momento, mas esse consenso precisa ocorrer com base em argumentos e não sobre amizade. No caso dos eventos presenciais, existe a oportunidade de uma discussão face a face, de participação direta e pessoal dos membros, sendo uma vantagem nítida dessa modalidade.

Nas atividades presenciais observamos uma sinergia, que resulta do clima do evento, é o ‘estar lá’ e vivenciar o contexto. Embora não tenha havido acesso ao planejamento do congresso, os resultados da observação permitem inferir que o clima foi trabalhado durante a etapa do pré-evento, independentemente de ter sido abordado diretamente. O credenciamento, assim como o atendimento aos participantes, a prestação de informações e a disponibilidade dos recepcionistas durante o congresso tornaram-se alicerce para o desenvolvimento do clima durante os dias subsequentes. Isso não é tudo, mas é importante para contribuir com as vivências dos participantes, que se sentem acolhidos ao chegarem ao evento.

Os encontros de corredor durante o café ou os intervalos para almoço e, ainda, a programação social, podem promover integração entre os participantes e se encerram para que as atividades científicas programadas prossigam. Nesse sentido, as interações face a face permearam todo o congresso nacional da Intercom. Esse evento congrega o maior número de profissionais e estudantes da área de Comunicação do país e trata-se de um encontro proveitoso para a produção e disseminação do conhecimento. Esse aspecto não foi exclusivo dos trabalhos dos GPs, mas das demais atividades científicas da programação.

No GP em que foi realizada a observação, ficou evidente a função de aperfeiçoar os trabalhos apresentados, por meio da crítica, como menciona Campello (2000). A ênfase dos debates esteve no diálogo. Em todas as sessões do grupo, os apresentadores e alguns participantes interagiram sobre experiências que foram compartilhadas, sugestões de referências, metodologia, o objeto de pesquisa, de modo a incentivar o prosseguimento das pesquisas apresentadas.

Há algumas críticas feitas aos participantes dos eventos científicos, por Targino e Neyra (2006) que não foram observadas neste contexto específico. Os autores criticam a falta de preparo de alguns apresentadores e o entra-e-sai dos participantes durante as sessões. As sessões do grupo evidenciaram o engajamento dos participantes, que interagiram mutuamente.

Participar de um congresso científico é uma oportunidade para o exercício da argumentação e do debate e, nesse contexto, é possível encontrarmos diferentes perfis de apresentadores, desde aqueles já habituados às apresentações orais como aqueles que irão vivenciar a primeira participação. Isso não indica, necessariamente, um aspecto negativo como mencionam os autores, mas trata-se de um espaço de aprendizado mútuo.

A entrada e saída de pessoas em um GP durante as sessões pode indicar o interesse em determinado tema em detrimento de outro ou, ainda, o intuito de prestigiar a apresentação de algum colega. Obviamente, o ruído provocado pela porta que é aberta ou fechada pode incomodar os apresentadores e até mesmo os demais participantes. No entanto, vale ressaltar o caráter mais ativo dos participantes, que selecionam as temáticas que mais lhe interessam.

Houve rotatividade do público presente no Grupo, porém, observamos que a maioria das pessoas estava presente desde a primeira sessão de trabalhos. Nesse sentido, salientamos o papel dos eventos científicos na produção da ciência e a qualidade dos

debates como testes para validar os trabalhos apresentados. Parte do público se tornou interlocutor, mas mesmo aqueles que não se manifestaram sobre os trabalhos apresentados, puderam se beneficiar com as discussões.

Nesse sentido, a crítica, mesmo quando apresenta uma conotação negativa, é importante para o progresso da ciência, que não pode ter meios termos. Sua característica mais importante reside no fato de ela não ser dogmática, de não resistir ao contrário, de ser um consenso construído a partir da coesão, do método e da aceitação pelos pares só quando há evidências de que a pesquisa apresenta a melhor solução do momento para um problema. Vale lembrar que esse consenso não é inabalável, pelo contrário, tem de ser submetido à prova e se houver uma resposta melhor, o consenso precisa mudar. Se não for assim, a ciência se torna dogma. Por isso, o debate nos congressos é fundamental para checar a metodologia e a consistência dos trabalhos.

Buscou-se destacar nestas considerações a importância das ações presenciais. Não desqualificamos a realização de um congresso virtual, que se trata de um modelo diferente, que faz uso exclusivo das tecnologias digitais para o cumprimento da programação. Pode se tornar uma tendência no futuro, no entanto, consideramos que haveria prejuízo com a ausência das interações presenciais porque os debates observados nas sessões de trabalhos são oportunidades para revisar pesquisas, propor temáticas, esclarecer dúvidas, sugerir outros caminhos e, conseqüentemente, produzir conhecimento a partir desse intercâmbio de ideias.

Após as considerações apresentadas, destacam-se as vivências, no contexto presencial. Considerada uma ressonância que acontece na subjetividade, o evento presencial é o momento em que ocorrem as vivências dos participantes, por meio das emoções provocadas por diversos fatores. Desde o início, os participantes se deparam com o cenário singular, as atividades solenes, a expectativa e apresentação dos trabalhos e debates, o encontro com os pares, o encontro com pesquisadores, os quais, muitas vezes, são conhecidos como referências às pesquisas dos estudantes. É a oportunidade das conversas informais, que podem resultar em trocas de contatos e posteriormente, integrar suas redes de relacionamento. Tudo isso é facilitado e dinamizado pelas interações presenciais.

Vale lembrar que as vivências não se limitam às percepções e emoções positivas, mas envolvem as respostas emocionais posteriores, quando a memória for ativada. Obviamente, é interessante para a instituição promotora do evento que as vivências dos

participantes sejam proveitosas. Os recursos tecnológicos permitem manifestações nas redes sociais *on line*, inclusive na página do evento em rede social digital, simultaneamente a algum fato ocorrido. Promover o bem-estar dos participantes dos eventos não é uma benesse, mas um fator que contribui para que os resultados do evento sejam positivos.

Embora não seja o foco deste trabalho, não se pode preterir o papel das tecnologias digitais na realização de um evento deste porte. Os procedimentos para submeter artigo, a realização de inscrições, a busca por informações, são procedimentos realizados por meio da internet. Concomitantemente, existe a página oficial do congresso em rede social digital. No entanto, o que se pretendeu discutir, foi a relevância da realização do congresso presencial, já que existem eventos realizados exclusivamente de forma virtual.

Com base na observação participante, apesar da disponibilização de recursos tecnológicos que tornam possível a realização de um congresso virtual, infere-se que, no contexto atual, haveria importante perda ao evento. No presencial há o encontro, o intercâmbio, a sinergia e os debates. A observação realizada permite inferir que o contexto presencial reitera uma das necessidades básicas do ser humano, que é sua sociabilidade. Nesse sentido, ao agregar públicos, o evento elucida emoções, produzindo as vivências dos participantes.

Retomando a questão de pesquisa proposta para a observação participante, as atividades presenciais, indubitavelmente, enriquecem o evento científico, sob distintas perspectivas. Do ponto de vista da temática proposta, o intercâmbio é ampliado, uma vez que os debates propiciam o esclarecimento de dúvidas, novos olhares sobre as pesquisas e o compartilhamento de experiências entre pares. O aspecto informal, balizado pelos encontros entre pares, entre discentes e pesquisadores e a própria sinergia dessas atividades são inerentes ao âmbito presencial.

Considerações finais

De acordo com o recorte trazido neste estudo, os eventos científicos presenciais, neste momento, são fundamentais. No congresso nacional da Intercom, não se suprime a relevância das tecnologias digitais, haja vista que elas são necessárias para a realização de diversos procedimentos para a participação do evento presencial. Sem essas tecnologias, o processo para inscrição, pagamento e submissão de trabalhos, anais e certificados, demandaria mais tempo e recursos financeiros.

As tecnologias digitais, atualmente, possibilitam a realização de encontros exclusivamente virtuais, mesmo os congressos, que são modalidades de eventos de grande complexidade de realização. No entanto, a pesquisa leva a compreender que o contexto presencial é um dos fatores relevantes para os resultados do evento, considerando as experiências e vivências dos participantes nesse ambiente.

A observação permitiu inferir, também, que os efeitos dos debates presenciais perduram após o término do evento. Além das experiências e vivências construídas durante sua realização, as apresentações de trabalhos e discussões subsequentes contribuem para o aprimoramento das pesquisas, que podem ser submetidas aos periódicos científicos, ampliando, assim, a divulgação científica.

Os dois aspectos observados exponenciam o papel das atividades presenciais do evento científico. O revigoração ocasionado pelas ocorrências informais, é importante para a retomada das atividades oficiais propostas. Uma palestra, por mais interessante que seja, requer um tempo máximo de realização a fim de manter a concentração e o interesse dos participantes. As pausas entre as atividades atuam como uma espécie de retroalimentação do processo de participação no congresso, ao promover descontração e informalidade, importantes para o reinício dos trabalhos. Essas características são atribuídas exclusivamente ao contexto presencial.

Pertencimento, identidade coletiva, prazer são outras noções associadas ao presencial que podem ser acrescentadas. Do ponto de vista especificamente científico, há os embates, as críticas, as propostas conceituais novas que aceleram o processo de produção e circulação do conhecimento. Pode-se dizer que há uma interação entre os aspectos afetivos e científicos nos eventos presenciais.

Diante do exposto, neste momento, as tecnologias digitais são consideradas essenciais ao planejamento e organização dos eventos presenciais. No caso do congresso nacional da Intercom, sua ausência ou eventuais intercorrências poderiam prejudicar sua realização. Por isso, as tecnologias digitais atuam como subsidiárias, auxiliando nas diversas etapas, sem suprimir o caráter presencial dos eventos científicos, onde as vivências se constroem.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Experimental Deus: a transparência de todas as coisas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/6761>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CAMPELLO, B. S. Encontros científicos. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 55-72.

CARDOSO, C. L. **Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família**: com a palavra, a comunidade. 2007. 212f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GIÁCOMO, C. **Tudo acaba em festa**. São Paulo: Summus, 2007.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

MATEUS, S. A experiência e a vivência: proposta de uma teoria modular da comunicação. **E-compós**. v.17, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1029/764>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEIRELLES, Gilda Fleury. **Eventos**: seu negócio seu sucesso. São Paulo: Ibradep, 2003.

MIYAMOTO, M. **Administração de congressos científicos e técnicos**. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1987.

TARGINO, M. G.; NEYRA, O. N. B. Dinâmica de apresentação de trabalhos em eventos científicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.16, n.2, jul./dez. 2006. p.13-23. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_81f67bb9b7_0000016708.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.